

## Cicloturismo e vivências afetivas no meio rural: análise da rota Caldo de Cana, povoado São Raimundo (Maranhão, Brasil)

**Karoliny Diniz Carvalho\***  
Universidade Federal do Maranhão (Brasil)

**Rodrigo Olavo Costa Sousa\*\***  
Investigador independente (Brasil)

**Resumo:** Análise do cicloturismo como fator de valorização do meio rural e possibilitador de encontros sociais, tendo como objeto de estudo a rota Caldo de Cana, povoado São Raimundo em São Bernardo, Maranhão. Parte-se de uma abordagem exploratório-descritiva e interdisciplinar, articulando os conceitos de turismo e paisagem com ênfase na paisagem rural. Realizou-se o levantamento dos atrativos existentes na rota cicloturística Caldo de Cana, problematizando os desafios e oportunidades na estruturação de um produto turístico. O estudo aponta para a necessidade de incluir os moradores do povoado São Raimundo na dinâmica turística em expansão por meio de estratégias de mobilização e articulação junto às iniciativas públicas e privadas, afim de que a atividade turística agregue valor ao meio rural e se traduza no aumento dos níveis de estar e qualidade de vida local.

**Palavras-chave:** Turismo; Paisagem rural; Cicloturismo; Comunidade; Povoado São Raimundo (Maranhão).

### **Bicycle tourism and experiences in rural areas: analysis of the sugarcane mead route, São Raimundo settlement (Maranhão, Brazil)**

**Abstract:** The following analysis of bicycle tourism offers the Caldo de Caña sugarcane mead route as a way to bring tourism and valorisation of traditional culture to the rural area of São Bernardo, Maranhão. It starts with an exploratory-descriptive and interdisciplinary approach, articulating the concepts of tourism and landscape in rural areas. A survey of the attractions existing on the Caldo de Caña bike route was carried out, with the challenges and opportunities for structuring a tourist product discussed. The study points to the need to include the residents of the São Raimundo village in the expanding tourism dynamics, through strategies of mobilization and articulation with public and private initiatives, so that the tourist activity adds value to the rural environment and translates itself into better living standards and an enhanced local quality of life.

**Keywords:** Tourism; Rural landscape; Cycling tourism; Community; São Raimundo settlement (MA).

### **1. Introdução**

Como fenômeno de transformação da realidade econômica e social das regiões onde se insere, a atividade turística tece diálogos com os lugares e os patrimônios das comunidades. O turismo é entendido como um fenômeno social, espacial e histórico que mobiliza as potencialidades naturais e culturais como elementos de atratividade e dinamização das economias (Panosso Netto, 2010).

A atividade turística promove articulações entre os diferentes atores sociais na transformação dos espaços como bens de consumo: Estado, empresariado, operadores de mercado e comunidade.

\* Universidade Federal do Maranhão (Brasil); E-mail: karolinydiniz@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0001-7059-5087>

\*\* Investigador independente (Brasil); E-mail: rod20sousa@gmail.com;

Os elementos naturais e socioculturais que conferem particularidades a um dado local são fatores que impulsionam o deslocamento dos turistas/visitantes; nesse sentido, diversos autores (Pires, 2001; Rodrigues, 2011) assinalam a importância da paisagem como recurso ou elemento de atratividade turística, destacadamente, a paisagem rural.

No contexto contemporâneo, a mudança do perfil do turistas reacende os debates sobre as práticas de organização e gestão dos destinos. As transformações científico- tecnológicas e a globalização econômica e cultural possibilitaram novas formas de deslocamento e mudanças nos padrões de sociabilidade. Como resultado dessas dinâmicas, assiste-se à emergência de um novo perfil de consumidor no turismo, denominado turista pós-moderno ou pós-turista. O pós-turista possui maior autonomia na busca por informações sobre os destinos e no planejamento das viagens, almejam produtos e serviços turísticos personalizados, caracterizados pela inovação, sustentabilidade, criatividade e pela oferta de experiências memoráveis (Urry, 2001; Panosso Netto e Gaeta, 2010). Desse modo, no turismo pós-moderno, a ênfase recai na estruturação de destinos que associem situações de intercâmbio, aprendizado e vivências afetivas dos turistas em relação à comunidade local e seu patrimônio.

No contexto rural, esse movimento traduz-se na emergência de segmentos como o turismo rural, o agroturismo e o cicloturismo, entendidos como modalidades de turismo nas quais a conservação ambiental e o protagonismo das comunidades tornam-se características sinalizadoras de uma gestão participativa e solidária, visando o aproveitamento econômico sustentável do patrimônio material e simbólico do meio rural.

O cicloturismo consiste numa atividade turística recreativa, desenvolvida por meio de percursos de bicicleta em áreas urbanas ou rurais, dentro ou fora das rodovias, com interesse paisagístico, cultural ou ambiental (Aguilar, Rivas e Gonzalez, 2008), sendo a bicicleta entendida como parte integrante da experiência turística. O cicloturismo permite ao visitante uma forma particular de conhecer as paisagens e o cotidiano dos lugares visitados, numa dinâmica que se caracteriza por articular educação ambiental e o intercâmbio de experiências.

A partir do exposto, a pesquisa em relevo possui como objetivo compreender o cicloturismo como segmento de mercado que favorece a valorização das paisagens rurais, ao mesmo tempo em que contribui para a diversificação das opções de lazer e de visitação, estimulando práticas de hospitalidade e intercâmbio sociocultural entre os ciclistas e os residentes dos locais onde os percursos são realizados. Para tanto, toma como objeto de estudo a rota cicloturística intitulada Caldo de Cana, localizada no povoado São Raimundo, município de São Bernardo (Maranhão, Brasil), elencando seus principais atrativos e promovendo uma discussão acerca das possibilidades de estruturação e comercialização de um produto cicloturístico.

## 2. Marco teórico. A interface entre turismo, cicloturismo e paisagem rural

Um das categorias de análise da ciência geográfica, o conceito de paisagem, inicialmente restringia-se apenas à porção visível do espaço, aos elementos físicos abarcados pelo olhar do espectador; posteriormente, com os avanços dos estudos, passou a abranger também a dimensão humana (Santos, 1997). Apesar de não possuir uma definição consensual, o conceito de paisagem torna-se complexo e varia de acordo com as perspectivas teórico-metodológicas adotadas por diferentes estudiosos. De acordo com Bertrand (2004, p.141) a paisagem:

[...] Não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução.

A perspectiva deste autor enseja uma abordagem sistêmica ao conceito de paisagem, na medida em que ela materializa os diferentes processos históricos vivenciados pelas sociedades, articulando aspectos ambientais, sociais, culturais e econômicos, de forma relacional e dinâmica. Desse modo, a paisagem é constituída por elementos naturais, como o clima, a vegetação, fauna, relevo, geomorfologia, e elementos antrópicos, ou seja, decorrentes da intervenção humana “[...] refletindo, assim, uma determinada organização e estrutura espacial. Estes diversos elementos constituem um sistema no qual estabelecem um conjunto de inter-relações, que se desenvolvem no tempo e no espaço” (Vieira, 2008, p. 500-501).

As qualidades visual, estética ou cênica, ecológica e cultural das paisagens, suas formas, cores, linhas e texturas, estimulam o olhar e dão origem à chamada procura turística (Pires, 2001). Os atores sociais que atuam no mercado turístico - gestores públicos e privados, comunidade local - apropriam-se das paisagens, selecionando-as a partir da sua qualidade cênica e potencial de atratividade, ao mesmo tempo em que promovem mudanças na sua configuração e estabelecem novos valores e significados, geralmente atrelados aos objetivos econômicos:

[...] Analisar a atividade turística permite compreender a paisagem e o ambiente no contexto do uso fugaz do território, o que propicia a compreensão dos espaços produzidos para 'consumir natureza, paisagem', num tempo curto para indivíduos – alguns dias por ano -, e num tempo longo para atividade turística (Rodrigues, 2000, p. 172).

O turismo confere visibilidade às paisagens, transformando-as em objetos ou mercadoria de consumo face às demandas de lazer contemporâneas. Por meio das ações de planejamento, da modificação dos espaços e da construção discursiva e simbólica do marketing turístico pelos operadores de mercado, constrói-se a imagem de um local turístico, na qual as paisagens adquirem valor estratégico. No contexto desta pesquisa, a ênfase recai nos espaços naturais, em especial nas paisagens rurais.

Pires (2001, p.90) identifica a paisagem rural a partir de dois componentes: a paisagem campestre e a paisagem cultivada, os quais conferem o sentido de “lugar” ao meio rural. Dentre eles, destaca os povoados e vilarejos isolados ou confinados; estradas e caminhos de terra; cerca e divisores rústicos, açudes, represas, igrejas, capelas. São esses elementos que tipificam, a priori, o meio rural (Figura 1).

**Figura 1: Paisagem rural do município de São Bernardo, Maranhão.**



**Fonte:** Marques, 2019.

Tendo em vista a existência de inúmeras abordagens e da complexidade das relações campo/cidade que caracterizam as sociedades contemporâneas, Kageyama (2004, p.382) sublinha alguns elementos-chaves na definição de rural:

- rural não é sinônimo de agrícola e nem tem exclusividade sobre este;
- o rural é multissetorial (pluriatividade) e multifuncional (funções produtiva, ambiental, ecológica, social);
- as áreas rurais têm densidade populacional relativamente baixa;
- não há um isolamento absoluto entre os espaços rurais e as áreas urbanas. Redes mercantis, sociais e institucionais se estabelecem entre o rural e as cidades e vilas adjacentes.

Atualmente, Schneider (2003) constata que o meio rural vem agregando novas funcionalidades e usos alternativos associados aos setores industriais e à atividade turística, o que alguns teóricos denominam “Novo Rural” ou novas ruralidades. A visão multifuncional e de pluriatividade do espaço rural nos auxilia na compreensão da interface entre turismo e paisagem. Conforme lembra Queiroz (2012, p.49):

Gradativamente, a sociedade conscientiza-se da importância da conservação ambiental como estratégia de manutenção da paisagem como um todo, procurando, também, valorizar o modo de vida local com vistas à assegurar a sua identidade cultural, surgindo a possibilidade de implementação do turismo em espaço rural que contribui para permanência do homem no campo.

As práticas turísticas incorporam a necessidade de consumo do meio ambiente, o que leva a um reordenamento ou uma reorganização dos espaços naturais para se adequarem às expectativas de evasão e lazer de grupos de turistas/ visitantes. Como exemplo, citamos a procura dos turistas por áreas naturais, protegidas ou não, com vistas a realização de atividades lazer, educacionais, de contemplação, esportes, aventura.

Entende-se com base em Irving (2009, p.111) que o turismo em áreas naturais pode ser um fator de valorização dos lugares, das comunidades, e fortalecimento das economias, com o objetivo de elevar os seus níveis de bem-estar, qualidade de vida e desenvolvimento local. Um dos segmentos que despontam como possibilidade de induzir práticas solidárias de gestão turística do meio rural e que vem ganhando destaque no cenário internacional e nacional é o cicloturismo, segmento que articula o interesse em conhecer as particularidades dos lugares urbanos ou rurais utilizando a bicicleta na perspectiva da sustentabilidade e intercâmbio sociocultural, com a necessária proteção do meio ambiente. De acordo com Macedo (2011, p.05):

[...] O uso da bicicleta é caracterizado como um novo e importante segmento turístico, apresentando-se o cicloturismo como uma atividade alternativa no setor, proporcionando uma significativa distribuição de renda ao longo das viagens, além de oportunizar o contato direto entre os viajantes, as localidades e o meio ambiente.

O cicloturismo vem sendo considerado por alguns autores como parte integrante de um estilo de vida mais responsável e comprometido com o meio ambiente e a qualidade de vida (Serrano, Cesar e Do Prado, 2015). Embora os estudos técnicos e acadêmicos acerca deste segmento de mercado estejam em franca expansão (Resende, 2011), não há uma única definição em torno dessa modalidade e ainda existem lacunas na caracterização do cicloturismo como produto turístico, posto que os seus contornos teóricos ainda não são consenso entre os estudiosos da área (Souza, 2019). No entanto, na literatura, constatamos esforços iniciais na busca por uma definição mais precisa sobre ela.

Carvalho et al. (2013, p.64) conceituam o cicloturismo como “[...] uma atividade do turismo de lazer que permite o exercício físico, contato com a natureza e a experiência de conhecer detalhes de lugares que seriam imperceptíveis em outros meios de transporte”. Encontramos em Roldan (2000, p.13-14) elementos que nos ajudam a diferenciar o cicloturismo de outras modalidades ou segmentos de turismo que possuem no contato com os espaços naturais e urbanos a sua principal motivação. Na visão deste autor, o cicloturismo refere-se a:

[...] Todo tipo de viagem com um dia ou mais de duração, que tenha como objetivo conhecer lugares e praticar turismo, utilizando a bicicleta como meio de locomoção, diferenciando-se de outras atividades não competitivas por suas maiores dimensões espaciais, cronológicas e seu planejamento prévio [...] O cicloturismo não tem regras nem definições rígidas, abrangendo desde pequenos passeios de algumas dezenas de quilômetros até viagens com centenas ou milhares de quilômetros, que levam dias ou meses.

O cicloturismo insere-se como modalidade nos segmentos de turismo de aventura, rural, gastronômico, ecoturismo e turismo cultural (Carvalho et al, 2013), estando associado a uma prática que valoriza as paisagens, diversifica as opções de visitação turística e torna-se uma atividade responsável por ocasionar um baixo impacto ambiental. Nesse norte, o cicloturismo aproxima-se também do ecoturismo, e alguns autores como Conti (2003) e Pedrini (2013) incluem os passeios de bicicleta como elementos da oferta deste segmento. O ecoturismo surge como alternativa viável em relação às formas massificadas e tradicionais do turismo, sendo considerada uma modalidade turístico-recreativa sustentável; ainda segundo os autores, a filosofia do cicloturismo alinha-se às características do ecoturismo, uma vez que estas práticas pressupõem a conservação dos recursos naturais e patrimoniais, o aumento da consciência

ambiental, e a interação entre os visitantes e residentes das áreas naturais por meio de estratégias de interpretação ambiental e valorização dos aspectos culturais dos destinos.

O ecoturismo desenvolve-se com ampla participação da comunidade em todas as fases do processo de planejamento, organização e avaliação das atividades turísticas desenvolvidas, de modo a garantir o acesso aos benefícios ocasionados pelo turismo. Nessa perspectiva, o cicloturismo é pensado como proposta para o desenvolvimento de áreas urbanas e naturais por ser um transporte não poluente e por contribuir para a distribuição de renda nas regiões onde os percursos e trilhas são viabilizados.

No tocante às modalidades e ao perfil dos cicloturistas, existem alguns esforços de classificação, tendo em vista o aumento da demanda por esta atividade. Uma das classificações propostas é a de Saldanha (2017) que estabelece três categorias ou tipos de cicloturismo: (a) passeios diários, abrangendo passeios durando não mais que um dia inteiro, podendo ser feito tanto por residentes do destino como viajantes estrangeiros e envolvendo eventos curtos e prática de *mountain bike*; (b) ciclismo em feriados, quando o ciclismo só compreende uma parte de uma série de atividades dentro de um período de viagem; e (c) cicloturismo propriamente dito, quando a bicicleta é a principal motivação e meio de transporte da viagem, percorrendo longos percursos e abrangendo destinos diferentes em uma mesma viagem.

Corroborando com este pensamento, Mendonça (2017) elaborou um modelo que diferencia três segmentos de cicloturismo: (a) o *cicloturismo independente* que pode ser realizado de forma espontânea ou com assessoria de uma operadora de viagens e turismo; (b) o *cicloturismo recreativo*, que agrega os passeios diários sem a necessidade de pernoite, e (c) eventos, categoria que inclui os participantes e espectadores de eventos ciclísticos.

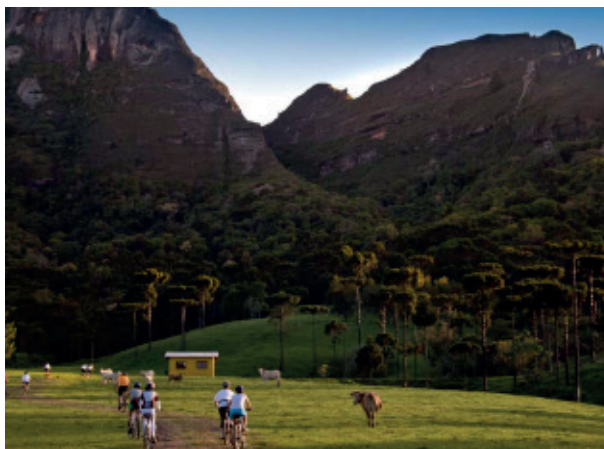
Com relação à classificação dos cicloturistas, Roldan (2000) diferencia três grupos: (a) *os cicloturistas de velocidade*, relacionados aos aspectos competitivos da atividade; (b) *os cicloturistas aventureiros*, que percebem a viagem como parte de um estilo de vida saudável e buscam o bem-estar e a superação pessoal dos desafios, e (c) *os cicloturistas turistas*, caracterizados pelo desejo de conhecer lugares específicos, por meio do planejamento e organização das viagens. Por sua vez, Rodrigues (2004, p.21), identificou dois grupos de visitantes: o cicloturista e o cicloviajante. O cicloturista utiliza a bicicleta como meio de transporte e demais equipamentos e serviços turísticos existentes numa determinada localidade. Nesse grupo, existe um tempo determinado para o término da viagem e a organização e segurança são itens considerados por esse tipo de visitantes.

Na outra categoria inserem-se os cicloviajantes, que buscam exercer a sua autonomia e autossuficiência, a interação com as pessoas e as culturas dos locais visitados, sendo que não existe um tempo predefinido de finalização da viagem. Esse grupo não se autodefinem como turistas, e pouco utilizam os equipamentos turísticos, realizando poucos gastos nos destinos turísticos. Ampliando a caracterização sobre os aspectos motivacionais dos cicloturistas, Pedrini (2013) aponta os seguintes interesses: *aventura* (percorrem caminhos que não conhecem), *competição* (estão em busca de superação, de quebrar marcas pessoais), *vertigem* (estão correndo riscos ao atingir altas velocidades nas descidas, muitas vezes em lugares que o celular não pega e sem socorro por perto) e *fantasia* (ao conviver com habitantes locais, ao incorporar o simples, pois tudo que carregam é peso extra).

Assim, de acordo com as classificações expostas, o cicloturismo abrange uma pluralidade de motivações e expectativas, atendendo a diferentes perfis de consumidores, fato que contribui para a diversificação das atrações turísticas em consonância aos princípios da sustentabilidade ecológica, econômica, social e cultural. Segundo Ruschel (2008, p.65), as iniciativas de cicloturismo visam agregar valor à oferta turística dos destinos: “[...] geralmente são rotas pelo interior brasileiro, por áreas rurais, em estradas de chão, como a rota da Estrada Real”. Empresas de agenciamento turístico organizam pacotes e roteiros e disponibilizam aos turistas uma gama de serviços de apoio, tais como equipamentos de segurança e acompanhamento de guias de turismo; os órgãos públicos e privados garantem a estrutura necessária para viabilizar os percursos.

Dentre os estados brasileiros que possuem roteiros e circuitos cicloturísticos destacam-se São Paulo, Acre, Minas Gerais, Sergipe, Rio de Janeiro, Paraíba, Santa Catarina, Paraná (Rufino e Crispim, 2015; Farias, 2016). Nestes últimos, situam-se as principais operadoras que atuam nesse segmento e são comercializados roteiros, atividades e eventos que atraem um público significativo de turistas.

No contexto rural, os roteiros de cicloturismo configuram uma experiência diferenciadora, à medida em que conciliam aspectos de emoção e risco calculado, típicos da modalidade de turismo de aventura (Uvinha, 2006), intercâmbio sociocultural, associados à interação dos visitantes com as paisagens naturais e culturais das comunidades, áreas de proteção ambiental, e os saberes e fazeres tradicionais (Soares, 2010) (Figuras 2 e 3).

**Figura 2: Cicloturismo Caminhos do Sertão.**

Fonte: Soares, 2010.

**Figura 3: Cicloturismo no Vale Europeu.**

Fonte: Soares, 2010.

Especificamente no meio rural, a oferta de passeios de bicicleta cotidianos propicia um contexto de interação entre os cicloturistas, e as comunidades locais, oportunizando encontros, relações sociais, subjetividades e produzindo novos sentidos aos lugares (Jensen, 2013). Destaca-se ainda os sentimentos de afetividade entre os ciclistas e os lugares visitados, em virtude do contato com as paisagens materiais e simbólicas, o revigoramento dos estados emocionais, bem como as práticas de hospitalidade que são vivenciadas por estes visitantes ao longo dos roteiros cicloturísticos.

A atividade cicloturística no meio rural tende a ampliar as estratégias para a organização das áreas rurais como alternativas para o aproveitamento da natureza de forma racional e equilibrada, tanto para os moradores, como para eventuais visitantes/excursionistas. O meio rural apresenta particularidades como modos de vida e processos produtivos, patrimônio cultural os quais, articulados, podem ser fatores de inserção dos produtores e famílias camponesas no turismo. Em associação a outros segmentos turísticos, o cicloturismo contribui para a multifuncionalidade dos territórios rurais, gerando perspectivas de inclusão social por meio de práticas solidárias de gestão de produtos e serviços turísticos no meio rural.

Nesse quesito compartilha-se do entendimento de Schetino (2006, p.50), que vê o cicloturismo como uma prática cultural que “[...] consegue relacionar a atitude de seus praticantes, em seu tempo de férias

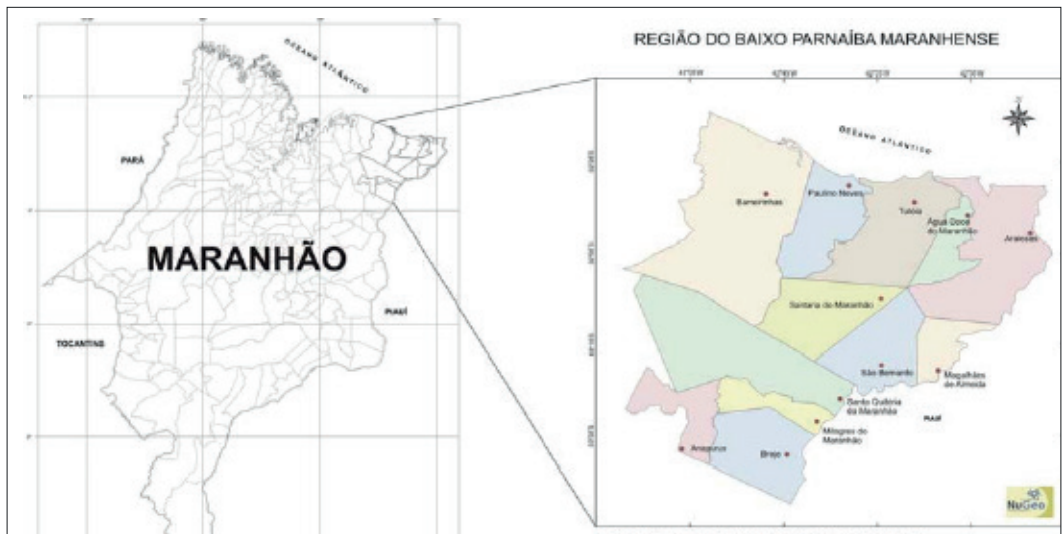
ou de não-trabalho, com as diversas possibilidades de vivências lúdicas, sejam elas a própria viagem, ou demais atividades realizadas nos locais visitados”.

Dentre os impactos positivos ocasionados na relação cicloturistas, meio ambiente e comunidades, Soares (2010) enumera os seguintes aspectos: diversificação da economia regional e incremento do mercado com a criação de micro e pequenos negócios, geração de empregos e demanda pela qualificação profissional, maior distribuição de renda, exploração do turismo na baixa temporada e aumento da permanência do turista na região, bem como o reposicionamento da região alinhada à sustentabilidade.

No entanto, a implantação de determinado segmento turístico implica ações de avaliação e monitoramento constante das atividades desenvolvidas, mediante instrumentos de planejamento e gestão. A relação contraditória entre turismo e áreas naturais enseja a adoção de instrumentos de planejamento e gestão – participação da comunidade por meio de fóruns, instâncias de governança e demais espaços de diálogo, zoneamento ambiental, elaboração de planos de manejo, determinação da capacidade de carga ecológica – com vistas a minimizar os impactos negativos desta atividade.

A partir desta perspectiva, este estudo volta-se para o município de São Bernardo, Maranhão, localizado a 370 km da capital do Estado, São Luís, e está inserido no território denominado Baixo Parnaíba Maranhense (Figura 4). O município possui uma população de 26.480 habitantes, sendo que destes, 11.800 situam-se na zona urbana e 14.680 residem na zona rural. Sua economia gira em torno dos setores agropecuário e indústria extrativista, setor de construção, comércio e serviços (IBGE, 2010).

**Figura 4: Localização da região do Baixo Parnaíba Maranhense.**



Fonte: IBGE, 2000.

A sua dinâmica socioespacial vem sendo, paulatinamente, incorporada à lógica da valorização turística da paisagem rural por meio de práticas de excursionismo, em particular do cicloturismo, com o surgimento de trilhas e roteiros espontâneos que são utilizados por grupos de ciclismo local para a realização de passeios, eventos e rotas que abrangem povoados vizinhos e atraem a atenção de ciclistas iniciantes e veteranos de outros municípios do Baixo Parnaíba Maranhense, além de eventos municipais de caráter competitivo que altera, mesmo que brevemente, o ritmo cadenciado da zona rural.

Os motivos que levaram à este cenário em formação estão associados, por um lado, às características geomorfológicas e às condições climáticas e hidrográficas que permeiam o Baixo Parnaíba Maranhense, somadas ao diversificado patrimônio cultural existente no meio rural e, do outro, ao aumento da demanda pelo uso das bicicletas como transporte alternativo, prática esportiva, e opção de lazer pelas comunidades locais.

A seguir, realiza-se uma análise do potencial turístico da Rota Caldo de Cana, com destaque para os principais atrativos naturais e culturais existentes no percurso, bem como propõe-se uma discussão sobre as possibilidades de organização de um produto cicloturístico local, afim de agregar valor à oferta

turística do município de São Bernardo, ao tempo em que pode ampliar as opções de visitação deste destino e a inclusão social das comunidades que vivem no povoado São Raimundo.

### 3. Metodologia

A metodologia proposta para essa pesquisa consistiu na pesquisa bibliográfica, de caráter exploratório e descritivo, e na pesquisa de campo; inicialmente procedeu-se ao levantamento das principais publicações sobre os temas cicloturismo e turismo em áreas rurais, afim de dar sustentação teórica e possibilitar maior aprofundamento do tema de pesquisa, conforme aponta Gil (2004).

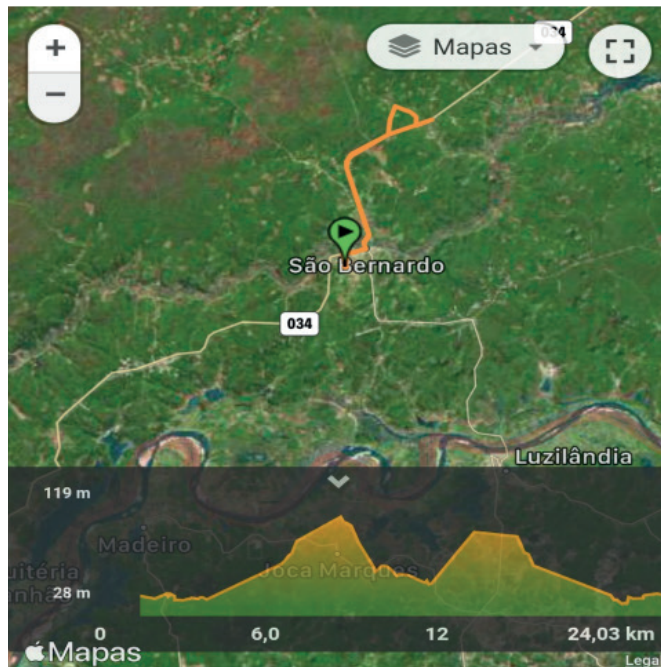
Em seguida, foram realizados os trabalhos de campo, utilizando-se uma abordagem qualitativa, circunscrita ao povoado São Raimundo. Utilizou-se a observação participante como técnica de coleta de dados com o objetivo de caracterizar a paisagem rural, identificar os bens patrimoniais e seu estado de conservação, as características e condições gerais da rota, e o seu grau de dificuldade. As fichas de observação sistemática e as anotações de campo tiveram o intuito de compreender os efeitos positivos e possíveis impactos negativos das relações entre os cicloturistas, meio ambiente e comunidade, bem como as contribuições do cicloturismo para o desenvolvimento socioeconômico local.

Na elaboração do mapa topográfico do percurso, fez- uso do aplicativo Wikiloc. Os dados levantados na pesquisa de campo permitiram a análise da dinâmica do roteiro, as possibilidades de aproveitamento da área pelo turismo, as fragilidades e pontos deficitários e/ou carentes de planejamento.

### 4. Análise da rota Caldo de Cana: desafios e possibilidades para a estruturação de um produto cicloturístico local

A rota Caldo de Cana é um dos principais roteiros cicloturísticos procurados por ciclistas amadores e profissionais do município de São Bernardo, e localidades vizinhas. O percurso inicia-se na sede municipal e passa pelos povoados Cabeceira do Bonfim e São Raimundo, e retorna à sede, perfazendo um total de 30,61Km (Figura 5). Geralmente, os grupos de ciclistas realizam o percurso no turno vespertino, nos fins de semana e ao final da tarde, com uma duração média de 1h57min.

**Figura 5: Mapa da rota Caldo de Cana.**



Fonte: Elaborado a partir do aplicativo Wikiloc, 2020



Ao longo da Rota Caldo de Cana encontra-se uma atmosfera típica do meio rural com a presença de árvores frutíferas, plantações dos agricultores, rios, pequenos animais, vestígios de antigos engenhos do período colonial, entremeados por elementos de ruralidade nas práticas cotidianas dos moradores, seus modos de vida e particularidades.

Estes aspectos permitem uma interação dos visitantes com as características ambientais e com o cotidiano dos moradores dos povoados que integram a rota, o que favorece encontros sociais e a produção de subjetividades, numa relação próxima entre os ciclistas e o meio rural:

[...] Ao conversar com as pessoas, ouvir músicas, pedalar pelas cidades e comer nos mais diversos lugares, os cicloturistas se relacionaram com os residentes, perceberam e aprenderam sobre sua própria cultura. Nesse sentido, o cicloturismo se apresenta como um possível instrumento de valorização cultural por possibilitar a aproximação entre viajantes e moradores (Lima, 2015, p.140).

Considerado um dos povoados mais antigos do Estado do Maranhão, tendo a sua origem datada por volta dos anos 1835, o povoado São Raimundo é um lugar plural e polissêmico, detendo um acervo material e simbólico que remete ao período colonial e que se faz presente nos remanescentes do patrimônio histórico, bem como nas práticas socioculturais tradicionais, tais como a produção de cachaça artesanal, que contribuem para a reprodução social e cultural da comunidade. No povoado, os visitantes deparam-se com potenciais recursos turísticos, como a fazenda Paraíso, casa Grande e Senzala dos Pires Ferreira, Capela São Benedito, o cemitério dos “Negos Cativos” antigos engenhos, os quais materializam as memórias individuais e coletivas (Figura 6).

**Figura 6: Fazenda Paraíso, Casa Grande e Senzala dos Pires Ferreira.**



**Fonte:** Gomes, 2019.

**Figura 7: Fachada da Capela de São Benedito**

Fonte: Gomes, 2019.

**Figura 8: Cemitério construído pelos “Negros Cativos”**

Fonte: Gomes, 2019.

**Figura 9: Produção de cachaça a partir da cana de açúcar nos engenhos.**

**Fonte:** Marques, Out, 2019.

Os atributos da paisagem local encontram-se conservados, não sendo observados impactos ambientais decorrentes ou não, de processos entrópicos, como a erosão, alargamento do trajeto e lixo ao longo do roteiro, e que poderiam comprometer a integridade do ecossistema local e a qualidade da experiência dos visitantes. Em determinado trecho da rota Caldo de Cana, os visitantes podem realizar paradas para banhos e contemplação da natureza. Ao final do roteiro, moradores servem o caldo de cana, muito apreciado pelos ciclistas, e que deu nome ao trajeto de bicicleta (Figuras 10 e 11).

**Figura 10: Rota Caldo de Cana.**

**Fonte:** Grupo Pedal Livre, 2019.

**Figura 11: Ponto de apoio aos ciclistas.**

**Fonte:** Grupo Pedal Livre, 2019.

Constata-se que o aproveitamento turístico do povoado São Raimundo por meio das atividades de cicloturismo tende a gerar “novas oportunidades a partir da valorização de bens não tangíveis, antes ignorados, como a paisagem, o lazer e os ritos do cotidiano agrícola” (Graziano da Silva, Grossi, Campanhola, 2002, p.41). No entanto, algumas ameaças à consolidação deste cenário favorável ao turismo precisam ser consideradas: inicialmente, ressaltamos as condições de acesso à região do Baixo Parnaíba Maranhense, o que dificulta a mobilidade dos turistas e, conseqüentemente, o acesso aos atrativos.

Especificamente no segmento cicloturismo, evidencia-se ausência de políticas públicas voltadas à mobilidade sustentável, e ao incentivo ao uso da bicicleta, articulação institucional com vistas à incentivar o turismo/excursionismo em áreas rurais, bem como a ausência de roteiros oficiais de cicloturismo de forma integrada.

Além destes aspectos, destacam-se as fragilidades no planejamento turístico municipal, com a ausência de ações estratégicas de diversificação da oferta turística, ações de marketing, estruturação de um calendário de eventos, instrumentos necessários para a organização e gestão da atividade turística. Nesse horizonte, Souza (2019) pontua que as iniciativas de cicloturismo no contexto brasileiro são gestadas, em sua maioria, pela iniciativa privada, não ocorrendo um envolvimento mais contundente da gestão pública estadual e federal no estímulo à atividade, mediante a inserção de planos de desenvolvimento de rotas e circuitos, como acontece em outros países.

Outro entrave diz respeito à baixa qualidade na prestação de serviços nos setores de turismo e hospitalidade, o que pode comprometer a qualidade da experiência turística na região e, conseqüentemente, a imagem e o posicionamento mercadológico dos destinos. No tocante às possibilidades e desafios na estruturação de um produto cicloturístico no povoado São Raimundo, as características ecológicas e socioculturais são propícias à prática do cicloturismo, e podem ser incentivadas com a implantação de roteiros intermunicipais; observamos que a Rota Caldo de Cana possui recursos naturais e culturais que também podem ser aproveitados por outros segmentos de turismo, como o turismo rural, cultural, ecológico, gastronômico, com a possibilidade de estruturação de roteiros temáticos que agregam valor ao meio rural.

Ressalta-se a necessidade de uma atuação política institucional e de mobilização comunitária com vistas a estimular os elementos da cadeia produtiva do cicloturismo e o protagonismo dos atores sociais locais em prol da valorização do meio rural como fator de desenvolvimento socioeconômico por meio do turismo.

## 5. Conclusão

Ao longo do estudo realizado, problematizou-se o cicloturismo como fator de valorização das paisagens rurais e elemento possibilitador de um diálogo mais estreito entre turistas, patrimônio e comunidades, face as oportunidades que este segmento gera ao permitir aos visitantes o conhecimento dos aspectos da dinâmica sociocultural dos destinos numa outra perspectiva, voltada para a promoção de encontros sociais e produção de subjetividades.

Para tanto, a argumentação proposta foi tecida por meio da análise das relações entre turismo e paisagem, em especial as paisagens rurais. A busca pela diversificação do meio rural alicerça a sua aproximação com o turismo, considerando os benefícios que esta atividade propicia, para além dos ganhos econômicos. O turismo no meio rural, em particular o cicloturismo, tende a gestar iniciativas comunitárias na organização de produtos e serviços relacionados aos setores de hospitalidade.

Tal cenário encontra-se em fase de expansão em algumas cidades brasileiras, as quais já possuem uma cadeia produtiva voltada à promoção do cicloturismo como fator de desenvolvimento turístico e valorização dos patrimônios rurais. Pode-se constatar esse cenário no município de São Bernardo, localizado no Estado do Maranhão, o qual apresenta uma vocação para o turismo rural e demais segmentos relacionados ao patrimônio cultural.

Nesse patamar, o cicloturismo vem ocorrendo de forma espontânea na localidade e acena, em longo prazo, com a possibilidade de inserção das comunidades rurais no âmbito do turismo. Compreendeu-se que a organização de roteiros cicloturísticos incentiva não apenas o fluxo de visitantes, mas promove novos sentidos ao meio rural, enriquecendo a vida cotidiana dos moradores e o estreitamento dos seus laços com o patrimônio local. No contexto turístico, as pedaladas favorecem comportamentos pró-ambientais, maior conexão e apego emocional em relação às localidades percorridas, traduzindo situações de aprendizado, afeto e experiências.

A rota Caldo de Cana, objeto privilegiado pelo estudo, apresenta características naturais e simbólicas que viabilizam a estruturação de um produto cicloturístico, no entanto, os trabalhos de campo sinalizaram para a necessidade de se promover uma articulação entre as esferas públicas e privadas em prol de um desenvolvimento turístico que atenda às demandas comunitárias, eleve seu nível de bem-estar e promova experiências significativas para os visitantes.

## Bibliografia

- Aguilar, V.; Rivas, H.; Gonzalez, R. 2008. Glossário de términos técnicos relacionados com la actividad turística habitualmente empleados em Chile. *Boletín Turístico*, Santiago, n.1, p.1-67. Disponível em: <[https://issuu.com/issuesoto/docs/glosario\\_de\\_turismo\\_sernatur](https://issuu.com/issuesoto/docs/glosario_de_turismo_sernatur)>. Acesso em: 12 abr. 2020.
- Bertrand, G. Paisagem e geografia física global. Esboço metodológico. 2004. *Raega – O Espaço Geográfico em Análise*, [S.l.], v. 8, dez. 2004. Recuperado de <<http://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3389/2718>> (14/12/2019).
- Farias, G. R. de. 2019. *O Cicloturismo como experiência turística*. Novo Hamburgo, (Monografia do Curso de Turismo).
- Conti, J.B. 2003. Ecoturismo: Paisagem e Geografia. In: Rodrigues, A. B. (Org.). *Ecoturismo no Brasil: possibilidades e limites*. São Paulo: Contexto.
- Gil, A. C. 2004. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Gomes, J. G. 2019. *Educação Patrimonial e Turismo Cultural: um projeto de conscientização, valorização e manutenção da história e memória do povoado São Raimundo*. Universidade Federal do Maranhão. São Bernardo.
- Graziano da Silva, J.; Grossi, M; Campanhola, Cl. 2002. O que há de realmente novo no rural brasileiro? *Cadernos de Ciência e Tecnologia*, v.19, nº1, jan/abr. Brasília: Embrapa.
- Irving, M.de A. 2009. Reiventando a reflexão sobre o turismo de base comunitário. Bartholo, R; Bursztyn, I; Sansolo, D.G (Orgs.). *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem.
- Jensen, A. 2013. Controlling mobility, performing borderwork: cycle mobility in Copenhagen and multiplication of boundaries. *Journal of transportation geography*, 30, p. 220-226. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1016/j.jtrangeo.2013.02.009> (22/0/2020).
- Kageyama, A. Desenvolvimento rural: conceito e medida. 2004. *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, Brasília, v. 21, n. 3, p. 379-408, set./dez. p. 379-408.

- Lima, B. L. 2015. *Estrada Geral do Sertão: potenciais turísticos de um caminho quase esquecido*. Universidade de Brasília: Brasília (Dissertação de Mestrado).
- Mendonça, J. 2017. *Desafios, oportunidades e recomendações para o fomento ao cicloturismo nas costas do cacau e descobrimento - Sul da Bahia*. Trabalho Final (mestrado): IPÊ – Instituto de Pesquisas ecológicas.
- Panosso Netto, A. 2010. *O que é Turismo*. São Paulo, Brasiliense: 2010.
- Panosso Netto, A. e Gaeta, C. 2010. *Turismo de Experiência*. São Paulo: SENAC São Paulo.
- Pedrini, L. 2013. *Cicloturismo no Circuito do Vale Europeu Catarinense: Um estudo do comportamento do cliente*. Santa Catarina: Balneário Camboriú (Dissertação de Mestrado).
- Pires, P. dos S. 2001. Caracterização e análise visual da paisagem rural com enfoque turístico: uma contribuição metodológica. *Turismo-Visão e Ação*, v. 4, n. 8, p. 83-98.
- Queiroz, O.T. M. M. 2012. O meio rural e sua apropriação pelo turismo. Portuguez, A.P.; Seabra, G. de F.; Queiroz, O.T. M. M. (Orgs.). *Turismo, espaço e estratégias de desenvolvimento local*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, pp. 45- 60.
- Rodrigues, R. A. 2004. *O potencial do cicloturismo como negócio no Rio Grande do Norte*. Natal: Centro de Ciências Sociais Aplicadas – UFRN.
- Rodrigues, A. M. 2011. Desenvolvimento Sustentável e Atividade Turística. Serrano, C.; Bruhns, H. T.; Rodrigues, A. B. *Geografia e Turismo: notas introdutórias*. Revista do Departamento de Geografia, v. 6, p. 71-82.
- Roldan, T.R. 2000. *Cicloturismo: planejamento e treinamento*. Campinas: Faculdade de Educação Física – UNICAMP.
- Rufino, B.; Crispim, M.C. Cicloturismo: uma alternativa de transporte turístico sustentável para a cidade de João Pessoa Paraíba. 2015. Congresso Brasileiro de gestão ambiental e sustentabilidade. Vol. 3: Congestas, Recuperado de <http://eventos.ecogestaobrasil.net/congestas/> (22/05/2020).
- Saldanha, L. E. da C. 2017. *Políticas cicloinclusivas e cicloturismo: o caso do Rio de Janeiro/RJ*. Rio de Janeiro: UFRJ/COPPE.
- Schetino, A. M. 2006. *Cicloturismo como vivência crítica e criativa de lazer*. Monografia (Especialização em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Educacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Schneider, S. 2003. *A pluriatividade na agricultura familiar*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Soares, A. (Org.). 2010. *Circuitos de Cicloturismo: manual de incentivo e orientação para os municípios brasileiros*. Recuperado de <http://www.clubedecicloturismo.com.br/arquivos/Manual-Circuitos-Cicloturismo.pdf> (05/04/2020).
- Souza, F.H.P. de. 2019. *O ciclismo como incremento do turismo em Fortaleza: propostas de cicloturismo*. Fortaleza (Dissertação de Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará).
- Urry, J. 2001. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: SESC São Paulo.
- Uvinha, R. R. 2006. *Turismo de Aventura: reflexões e tendências*. São Paulo: Aleph.
- Vieira, A. Patrimônio Geomorfológico no Portugal Central. Sua importância para a definição e valorização de áreas protegidas. 2008. V Seminário Latino-americano & I Seminário Ibero-americano de Geografia Física, Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, p. 179-193.

*Recibido:* 19/04/2020  
*Reenviado:* 05/08/2020  
*Aceptado:* 05/10/2020  
*Sometido a evaluación por pares anónimos*